

Editorial

Fábio Nobre e Andrea Pacheco Pacífico

De uma disciplina essencialmente eurocêntrica e, posteriormente, pulsante nos Estados Unidos, as Relações Internacionais viram o florescer de uma instigante produção de conhecimento no chamado sul-global. Em especial após a virada do campo que teve início nos anos 90, abordagens pós-coloniais, focadas nas dinâmicas locais e regionais, assim como um maior espaço para atores até então considerados de pouco peso para o fenômeno internacional começaram a ocupar um importante espaço nas análises científicas da disciplina. Nas páginas da presente edição da Revista de Estudos Internacionais, o leitor poderá comprovar a ascensão de atores e temas que clamaram os holofotes do campo, em análises extremamente pertinentes que cobrem agendas como a influência da religião na formação do Estado japonês, o empoderamento feminino na Índia ou a potencialidade estratégica do Nordeste brasileiro.

Uma vez compreendido o esforço da publicação em reconhecer o peso dessas dinâmicas, ora negligenciadas, será possível visualizar um curioso padrão que cobre a maior parte dos textos que compõem esta edição. A mesma é aberta pelo texto de Maurício Luiz Borges Ramos Dias e Anna Carletti, no qual os autores exploram a presença do Xintoísmo, a religião indígena japonesa, em diferentes períodos da formação da identidade nacional no país, como o Império, o período pós-guerra e mesmo o recém encerrado governo de Shinzo Abe. Luís Alberto Martins Sales, permanece tendo o Japão em foco em seu artigo, embora agregue aos nipônicos o conceito de diplomacia e relações trilaterais com a China e os EUA, observando convergências e divergências no relacionamento trilateral que são refletidas nos discursos.

Um estudo de caso do Project Três, empresa social fundada em 2016 por uma brasileira em Goa, Índia, que tem como objetivo o empoderamento feminino é o foco do artigo de Marcelle Ivie Costa Silva, em seu texto, entendendo que o empoderamento é um processo multidimensional que pode ocorrer em diferentes ritmos, níveis e dimensões. O texto é seguido pelo artigo As Relações Brasil-Índia: A Cooperação Sul-Sul na Agenda de Política Externa Brasileira. O olhar para a Índia muda no texto de Betina Thomaz Sauter e João Henrique Salles Jung, que visa explorar a dimensão das relações entre aquele país e o Brasil. A atuação brasileira no sul global ainda é foco do texto de Daniel do Nascimento Ferreira, Leticia Almeida Montenegro e Fábio Rodrigo Ferreira Nobre, mas a partir de uma lente estratégica, que procura enfatizar o sub-explorado peso de sua região nordeste, o ponto mais inserido no Atlântico Sul e, portanto, mais próximo da África Atlântica.

Analisar as motivações materiais que justificaram a manutenção da política de neutralidade do Estado argentino durante a Segunda Guerra Mundial é o objetivo do texto de Fernanda Lins, que dá sequência à edição, observando as relações conflituosas entre Argentina e Estados Unidos naquele contexto. Ainda na América do Sul, mas num contexto de conflito mais recente, Tiago Soares Nogara e Diego Pautasso se debruçam sobre a conjuntura política colombiana desde os avanços que culminaram no acordo de paz entre o governo e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - Exército Popular (FARC-EP), em 2016, e a retomada das atividades guerrilheiras por uma de suas frações em 2019. Ao lado de Clarissa Dias Nascimento, Tiago Soares Nogara foca num país vizinho, o Equador, e como se deram as relações bilaterais equatorianas com os Estados Unidos da América (EUA) durante os governos de Rafael Correa.

Desviando o olhar para a América Central, Fábio Régio Bento e Larissa Lima Bezerra de Souza procuram identificar quais são os Estados administrativamente soberanos localizados entre os vários sujeitos políticos coletivos situados geograficamente na América Central (Istmo e Ilhas) e quais sujeitos políticos coletivos não podem ser assim considerados.

Numa abordagem que coloca em pauta os estabelecidos jogos de poder das relações internacionais, Manoel César de Alencar Neto, a partir da arqueologia e da genealogia foucaultiana, procura analisar a contribuição de Michel Foucault para a metodologia da disciplina, partindo do pressuposto que o poder não se aplica, mas transita pela sociedade, emergindo de todas as relações.

A edição é concluída por duas resenhas. Na primeira delas, Kamila Alves Félix versa sobre o livro *Religious Leaders and Conflict Transformation: Northern Ireland and Beyond*, da professora da Universidade de Ohio, Nukhet A. Sandal, trazendo a religião de volta ao foco, assim como no primeiro artigo da edição. Por fim, o livro *The making of global international relations: origins and evolution of IR at its centenary*, escrito por Amitav Acharya e Barry Buzan, dois nomes consagrados no campo, é o foco de Guilherme Ziebell de Oliveira, que destaca uma suposta evolução do campo como disciplina e prática política.

Com essa segunda edição, dá-se continuidade ao ano acadêmico de 2020 da Revista de Estudos Internacionais, na qual a publicação consolida seu espaço como um foro de estímulo ao debate de temas e problemáticas que influenciam e transformam as dinâmicas do Sistema Internacional e seus atores, mesmo que tenham sido negligenciado por anos ao longo do desenvolvimento da disciplina. Destarte, a REI identifica os temas que energizam o campo das Relações Internacionais e permitem seu contínuo desenvolvimento e evolução.